

BISPO COUTINHO E O CLERO ILUSTRADO DE PERNAMBUCO NA REVOLUÇÃO DE 1817¹

Antonio Jorge Siqueira*

RESUMO: O presente artigo foi apresentado na Mesa Redonda “Religiões e Religiosidades: entre a norma e o vivido (tensões e conciliações)”, integrando o III Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de 20 a 22 de Outubro de 2010.

PALAVRAS CHAVE: Azeredo Coutinho, biografia, teologia, século XIX.

BISHOP COUTINHO AND THE ENLIGHTENED CLERGY OF PERNAMBUCO IN THE REVOLUTION OF 1817

ABSTRACT: This paper was presented at the Round Table “Religions and Religiosities: between the norm and the lived (tensions and conciliations)” integrating the III Meeting of the GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), October 20-22, 2010.

KEYWORDS: Azeredo Coutinho, biography, theology, 19th century

Azeredo Coutinho não é um personagem difícil de ser compreendido, se atentarmos à longa lista de suas obras e publicações. Dele se pode dizer que é um administrador nato, que, pelos meandros da estrutura colonial, deixou de ser um senhor de engenho fluminense ou um agricultor campista para tornar-se um ilustrado prelado na Província de Pernambuco. Cabe-lhe bem a imagem do padre e do eclesiástico, formatada naquele clima da reforma pombalina dos estudos: “alguém digno de servir à Igreja e ao Estado” (HOLLANDA, 1966).

1. Azeredo Coutinho, sua obra e seu tempo

Brasileiro, nascido na vila de São Salvador dos Goitacás, da capitania de Paraíba do Sul, no mês de setembro de 1742, aos seis anos de idade Azeredo Coutinho foi levado para o Rio de Janeiro, onde estudaria gramática, retórica, letras, filosofia e teologia. Mas, durante toda a sua vida, em seus escritos e anotações houve sempre um espaço para acalentar as lembranças, ligadas a uma série de interesses e aptidões – um tanto quanto frustradas – de um agricultor teimoso e levado do seu meio. Por isso

¹. Texto no livro do autor, *Os Padres e a Teologia da Ilustração: Pernambuco, 1817*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

* Professor da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

mesmo, nunca deixou de acreditar na força da semente, mesmo quando plantada em solo árido e adverso. Aos vinte e seis anos, por morte do pai, caberá a ele, na condição de primogênito, assumir a chefia da família, principalmente dos negócios. Tal fato explicaria, de certo modo, o pendor administrativo do prelado. É assim que o pensa um dos seus eminentes biógrafos, Sérgio Buarque de Hollanda.

Em 1775, tem a oportunidade de frequentar, em Coimbra, os cursos de filosofia e letras. Nove anos mais tarde, decide-se pela obtenção da licenciatura em Direito Canônico e é logo nomeado deputado do Santo Ofício. Igualmente, é dessa época que datam as suas primeiras cartas endereçadas ao bispo de Beja, D. frei Manuel do Cenáculo (AZEREDO COUTINHO, 1794-1808). Por meio dessa correspondência, já como bispo nomeado para a diocese de Elvas, deixa bem clara a sua ligação de amizade e estima para com o citado prelado, colaborador de Pombal (AZEREDO COUTINHO, 1794-1808, 14 de agosto de 1781). Isso se tornará cada vez mais evidente na correspondência trocada entre Azeredo Coutinho e Manuel do Cenáculo, mormente na carta de 7 de julho de 1794, quando de sua remoção para a Diocese de Olinda, em Pernambuco. Trata-se de um texto importante, a começar pelas confidências trocadas entre os dois prelados.

No meio das tristes considerações que por toda a parte me cercam, só a carta de V. Exa. me poderia servir de consolação; se V. Exa, ao mesmo tempo, não me honrasse com o alto nome de Amigo e de Colega, eu confesso quanto a paixão da amizade cega as vistas, ainda as mais penetrantes. Conheço a minha incapacidade e por isso estou persuadido que V. Exa., como seu amigo, se tem da mesma sorte enganado a meu respeito. Os meus amigos, esses homens apaixonados por mim, fizeram persuadir a S. Maj. de uma capacidade que não tenho; eles não fizeram o mal só a mim, fizeram também à inocente Igreja de Pernambuco, dando-lhe um prelado indigno como eu. E o que mais me aflige é que, apesar da sincera confissão que fiz dos meus defeitos, não me foi admitida alguma escusa. Que desgraça, como se enganam os homens! Paciência. (AZEREDO COUTINHO, 1794-1808, 7 de julho de 1794).

Em 1791, Azeredo Coutinho publica um tratado sobre o preço do açúcar, dando vivas demonstrações de que tinha interesses e estava informado sobre a produção e exportação da agricultura da colônia. Três anos mais tarde, na mesma época de sua nomeação para o bispado, publica o “Ensaio Econômico” (AZEREDO COUTINHO, 1794), que será, sem dúvida, a sua mais importante contribuição no campo da economia política no outro lado do Atlântico. Apenas em dezembro de 1798 é que o bispo Coutinho chega a Pernambuco para, em pessoa, assumir o comando pastoral da extensa Diocese de Olinda. Nesse mesmo ano, fez publicar dois importantes textos de grande

interesse para o nosso estudo, a saber: “Estatuto do Seminário episcopal de N. Senhora da Graça de Olinda de Pernambuco” e “Estatuto do Recolhimento de N. Senhora da Glória do lugar de Boa-Vista, de Pernambuco”. Das antecedentes preocupações doutrinário-pastorais do bispo Azeredo Coutinho, quando de sua estada em Portugal, pode-se ter ideia mediante de uma de suas cartas enviadas ao bispo de Beja em data de 29 de dezembro de 1797:

Eu apenas posso, Exmo. Snr., gemer e lamentar nessa insolente impiedade de nossos calamitosos tempos; que, contudo, espero na divina misericórdia, não leve adiante os seus projetos. Singularmente insensatos, na mudança do cristianismo para o ateísmo. (AZEREDO COUTINHO, 1794-1808).

Como se pode deduzir, a Igreja começava a ficar aturdida com o enciclopedismo francês, com a doutrina galicanista, com a maçonaria e, principalmente, com os ares de liberdade conquistados pelo Iluminismo, que reverberavam fortemente na França, mais que em Portugal. Daí esse sentimento de defensiva que predomina na confissão do futuro bispo de Olinda. Para além dessas lamentações prelatícias, são inegáveis o entusiasmo e os bons propósitos de que o bispo Coutinho estava possuído para com a sua diocese de Pernambuco. Isso tanto no que se refere aos cuidados com a educação - dos leigos e do clero - quanto no zelo e cuidados pastorais propriamente ditos com a sua diocese. Bastaria dizer que, além das funções episcopais, o bispo ocupará, de imediato, em Pernambuco, os encargos de diretor-geral dos Estudos e membro da Junta de Governo da Capitania. Não há, pois, como negar a contribuição dada por esse homem de igreja a uma província e a uma região que, no passado, tivera o seu grande momento de importância econômica no sistema de produção de bens da colônia. E que, agora, excetuando-se a vila do Recife, encontrava-se em completa estagnação e estado geral de depauperação, segundo palavras do próprio prelado olindense; e isso a começar por Olinda, não obstante sua proximidade com a vila do Recife. No diagnóstico do prelado, “essa cidade de Olinda, que caminhava com passos aprestados para a sua total ruína por se ter passado todo o seu antigo comércio e todo o governo civil econômico e militar para a vila do Recife...” (AZEREDO COUTINHO, 1808, p. 58). A verdade é que havia erros da administração colonial, que, por incúria, incompetência e desorganização infligia sérios problemas e sofrimentos aos nativos e colonos dessa região do Brasil. No texto da sua “Defeza”, que viria a público no ano de 1808, o bispo alertava para fatos violentos, como “pilhagens” a que era submetido o povo pernambucano, e deixava transparecer o perigo que aquilo representava para o sistema colonial, na medida em

que não era de todo impossível explodirem “rebeliões” de descontentamentos. Afirma o prelado olindense:

Vós sabeis que esse povo tem sofrido mil violências de alguns superiores, sem jamais recorrer às armas, ainda mesmo quando se lhe tem pedido a bolsa, quase com o punhal na mão, posto que, com o título de empréstimo ou de emolumentos arbitrários sem alguma lei que autorize... (AZEREDO COUTINHO, 1808, p. 5).

Óbvio que o bispo não se refere aqui a assaltos a mão-armada. Sinaliza, sim, a condição de autêntica pilhagem a que é submetida a colônia portuguesa – ele fala de Pernambuco - com os impostos escorchantes que, dia após dia, a deixam nos limites de sua capacidade de sobrevivência. Esse diagnóstico, portanto, já sinaliza fissuras no âmago do sistema, pois aponta para as possibilidades de revoltas e sedições no espaço da colônia. Esse é um dado do problema. Outro, trata das inúmeras contribuições que as obras do eminente prelado representam para a história do Nordeste e do Brasil, na época em estudo. Elas oferecem subsídios para um diagnóstico da agricultura, das relações sociais entre a metrópole e a colônia e, sobretudo, para o estudo da Igreja e do seu clero. O conjunto da obra de Azeredo lança uma luz no emaranhado das tensões que marcam a relação do Brasil com Portugal e também para se decifrar os movimentos locais e regionais que já evidenciavam perspectivas “descolonizadoras” e emancipacionistas. Temos consciência, entretanto, do caráter eclético que demarca limites nas obras do eminente prelado e da importância que isso representava, como bem chama a atenção Sérgio B. de Hollanda (HOLLANDA, 1966, p. 42). Como já se afirmou, buscamos apoio em algumas de suas contribuições, com o intuito especial de nelas detectar o caráter especificamente pastoral e político, sabendo, de antemão, que elas não são exclusivamente religiosas nem apenas pastorais, mas um pouco de tudo isso: políticas, sociais, pedagógicas e religiosas, como cabe a um bispo ilustrado da época. Tudo isso torna o seu pensamento ideologicamente denso e carregado de significados.²

O “Ensaio Econômico” nos dá uma ideia bastante nítida das vicissitudes e ambiguidades do pensamento do bispo fluminense. Dessa obra, interessa sobretudo para a nossa análise, o texto publicado no ano de 1811. Na realidade, esse é um texto ampliado pelo autor, após o tirocínio de sua experiência administrativa e pastoral em

² Dentre as obras de Azeredo utilizaremos, de modo especial, parte de um elenco de Cartas Pastorais dirigidas aos diocesanos de sua extensa diocese. Essas Cartas foram catalogadas por F. A. Pereira da Costa e publicadas sob forma de relatório. Cf. R. I. A. H. G. PE, 8 (43):69-85. Lançaremos mão também dos “Estatutos do Seminário de Olinda”, do “Estatuto do Recolhimento da Boa-Vista”, do “Discurso sobre as minas no Brasil”, da “Defeza de D. José da Cunha de Azeredo Coutinho” e, finalmente, do “Ensaio Econômico”.

Pernambuco. Constituí, assim, um texto amadurecido e repensado a partir do labor da experiência colonial - do “viver em colônias”-, como afirmava o professor régio Luís dos Santos Vilhena. E é também revelador de uma particular vivência das crises e contradições do sistema. Ao longo do texto “Ensaio Econômico” (1794), percebe-se nitidamente a reverberação de um pensamento ilustrado, afinado com a ideologia que suscitou as reformas patrocinadas pelo gabinete de D. José I, minuciosamente trabalhada por Pombal e seus assessores. Como já dissemos, tal política visava reformar e aparelhar o Estado a fim de superar a crise com que o sistema se defrontava. E tal ação reformista incidiria de modo muito especial sobre as atividades ligadas ao comércio, especialmente naquele tipo de comércio que rende divisas, como enfatiza o próprio Azeredo Coutinho. O comerciante, o agente de finanças e o escrivão fazendário tornaram-se o protótipo do vassalo a ser instituído para a salvaguarda das finanças do reino. Repetindo, as obras do prelado olindense devem ser consideradas como relevante contribuição para superar, no curto prazo, os impasses da crise que se abatia sobre o reino e suas possessões.

O texto do “Ensaio Econômico” projeta um diagnóstico de curto prazo para superar as adversidades. Já aquelas outras obras de sua autoria, de natureza mais pedagógica, como os dois “Estatutos”, são vistas como solução de longo prazo, se não da crise do sistema colonial, pelo menos das carências estruturais e históricas para a educação na colônia, tal como escolas, em maior número e qualidade, onde se forjariam os vassalos úteis e leais, segundo o espírito do tempo e as necessidades do sistema. Restaria, pois, salientar a propósito do “Ensaio”, que o mesmo está focado numa nítida consciência de crise do sistema colonial português, posto que Portugal perdeu o espaço que o fizera conhecido e respeitado, tal como esboça a mente do prelado naquele texto de 1811:

Tantos fatos heróicos e extraordinários, se não fossem atestados por todos os povos e nações das quatro partes do mundo, que primeiro viram os portugueses, seriam tidos por um sonho ou por uma fábula dos gregos; aquelas mesmas nações que hoje nos querem olhar com desprezo, não podem deixar de contestar que seus avós vieram aprender dos nossos a ver o mundo e tudo quanto nele há de grande. (AZEREDO COUTINHO, 1966, p. 63).

Por aí se pode constatar a nostalgia de um tempo que se afirmou como “idade de ouro” para o orgulho lusitano e que, naquele momento, via esse mesmo Portugal marginalizado no cenário das nações. Também é possível ler nas entrelinhas do texto em questão a inequívoca demonstração de que o prelado, após haver meditado por ocasião

de sua longa experiência pastoral em terras brasileiras, percebia, agora com mais acuidade, os sinais dos tempos que se traduziam em tendência descolonizadora, que, nas suas palavras, significavam “liberdade”, “emancipação”, “separação” e, sobretudo, “revoluções”:

Há mais de trinta anos que essa mesma seita principiou a espalhar a semente das revoluções, para separar as colônias das suas metrópoles, principalmente as de Portugal e Espanha, as mais ricas do novo mundo: alguns deles ou menos sanguinários, ou já horrorizados à vista dos frutos que tinha produzido a sua chamada árvore da liberdade, passaram a traçar novos planos para que a separação que eles chamava emancipação necessária, para o bem da humanidade, fosse menos dolorosa e menos violenta... (AZEREDO COUTINHO, 1966, p. 61).

A frase final de Azeredo Coutinho é uma plena sinalização do que chamamos aqui de “descolonização”, no sentido em que ele utiliza, de preferência, o termo “emancipação” a “separação”. A emancipação, segundo dá a entender, seria uma tendência política de negociação do estatuto da descolonização, que ele prefere e deseja não ser dolorosa e violenta. Era assim que se pensava no início de século XIX, pelo menos do lado de cá do Atlântico.

É facilmente perceptível, na leitura do texto em questão, que o modo pelo qual Azeredo Coutinho paga tributo por estar em sintonia com o seu tempo é apenas por ser um homem identificado com sua época, convivendo, refletindo e confabulando em consonância com a tônica ideológica da Ilustração. E isso já transparecia em outro dos seus textos, datado de 1794:

A abundância e o supérfluo que sobeja do necessário de uma nação, é que forma o objeto do seu comércio. A Agricultura e a Indústria são a essência: a sua união é tal que, se uma excede à outra, ambas se vêm destruir por si mesmas. Sem a Indústria, os frutos da terra não terão valor; e, se a Agricultura é desprezada, acabam as fontes da Indústria e do Comércio desse mar imenso que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundância, sem a qual tudo cai na languidez, no ócio, no vício e na miséria. (AZEREDO COUTINHO, 1966, p. 80).

Para um sistema de colonização como o português, que nunca permitiu a instalação de indústrias no Brasil e pouco ou nenhum interesse revelou pela educação do ultramar, o documento acima é inovador, entre outros tantos motivos porque vincula o sistema de produção agrícola não somente para uso interno, mas, também a um mercado consumidor. Finalmente, transparece ainda nesse texto de 1811, algo como um “sentimento pátrio” da parte do prelado. Tal sentimento, tão ambíguo quanto generoso, é votado à pátria, ao Sereníssimo Senhor, à nação e à terra que o viu nascer: “O amor só

da verdade e da minha pátria seria capaz de obrigar-se a tanto excesso: eu sempre serei dela filho amante, fiel e saudoso” (AZEREDO COUTINHO, 1966, p.64 et passim).

Pelas palavras do pastor, inicialmente de Pernambuco e posteriormente de Elvas, pode-se concluir que ele pode ser considerado como um dos grandes expoentes brasileiros da Ilustração e um súdito, senão fiel apenas a Pernambuco, decerto muito afeiçoado à pátria brasileira que o viu nascer.

2. O Bispo Coutinho e a pedagogia da ilustração

Azeredo Coutinho, estudando em Coimbra, sentiu de perto os fortes ventos que agitaram a metrópole com o reformismo dos estudos e a modernização do aparelho burocrático, dando mais agilidade à administração dos negócios do reino. Percebeu também como esse reformismo sacudiu setores da sociedade portuguesa e, principalmente, o aparelho eclesiástico naquilo que lhe era incumbido como complemento da sua missão eclesial, a saber: a responsabilidade do ensino. Com certeza ele percebeu como a Ilustração cimentava ideologicamente o conjunto das reformas da educação do reino lusitano. Tinha, pois, conhecimento da linha mestra da institucionalização pedagógica dessas reformas, de modo especial naquilo que era o seu cerne: o posicionamento crítico e metodológico, sedimentado na área da filosofia e das ciências. Nos anos finais do gabinete pombalino e do reinado de D. José I, com a ascensão de D. Maria I ao trono, a corrente política denominada de “viradeira” punha à prova de fogo os princípios desse absolutismo ilustrado. Pombal é perseguido pelos novos detentores do poder³. D. José de Azeredo Coutinho assistia a tudo isso. Certamente que tanto esse reformismo quanto o pedagogismo que lhe é inerente deitaram raízes no terreno fértil das inteligências esclarecidas, como era o seu caso.

Mais uma vez, a correspondência epistolar entre o futuro bispo de Pernambuco e o seu colega de ministério, D. Frei Manuel do Cenáculo, deixa entrever a sua crença no futuro de um eclesiástico, sedimentado na erudição das Luzes e na capacidade de viver

³ No momento em que purgava a sua desgraça política, o Marquês de Pombal enviou uma carta à rainha D. Maria I em que compara sua situação atual àquela que padeceu o prestigioso Duque de Sully, fundador da monarquia de Henrique IV, na Inglaterra. Eis os termos finais de sua petição em carta: “Não podendo, Senhora, comparar-me com Duque de Sully em merecimento, He porém certo e público em todo o Paço de Vossa Magestade, em toda a Cidade de Lisboa, que me-acho igual com elle na desgraça, e nos motivos com que recorro á Real Clemencia de Vossa Magestade, suplicando-lhe que se-Sirva de me-verificar a Escuza que tenho pedido de todos os Lugares que ocupei athé agóra; e de permittir Licença de ir passar em Pombal o ultimo espaço de tempo que me restar de vida; tendo por certo, que na superioridade incompativel com que as Reaes Virtudes de Vossa Magestade se exaltão sobre a Rainha Maria de Medices, nam poderei deixar de encontrar, pelo menos, aquelles mesmos effectos de benignidade que naquella Princeza acharam os rogos do Duque de Sully”. (POMBAL, 1849, p. 53 recto).

em consonância com os ditames do seu tempo. Não seriam esses, dentre outros motivos, que o fariam admirar tanto aquele que viria a ser seu metropolitano? Tal como confessa em carta,

Era justíssimo que fosse elevado a superior dignidade quem, como V. Exa. é tão benemérito de todas as mais altas e preeminentes do Reino e da Igreja. Vou, portanto, congratular-me com V. Exa., como sufragâneo seu; e em nome também da diocese que indignamente sirvo. Seguros gostosamente todos de possuímos na pessoa de V. Exa., na qual tanto resplandecem a sabedoria, a prudência de governo e exemplares virtudes... (AZEREDO COUTINHO, 1794-1808, 31 de março de 1802).

Na concepção que o bispo Coutinho tem da educação, observa-se algo a partir de sua visão teológica, imbuída de certo pessimismo platônico ou até mesmo agostiniano, muito comum no pensamento português da época e que, facilmente desaguardaria num processo dualista, marcado tanto pela regeneração do ser humano, quanto por impulsos providencialistas. Visão educacional, - de si já um traço ideologicamente característico da Ilustração, - balizada pela ideia de “regeneração”, responsável em última instância pelo “homem novo” que o sistema colonial demandava⁴ e que, como se verá, além desse caráter “regenerativo”, é, igualmente, muito marcado pelos traços do “pragmatismo” pombalino. Diz o prelado:

A natureza humana corrompida pela primeira culpa é em extremo propensa para o erro e para os deleites terrenos em os quais parece querer constituir a sua felicidade. Se o homem desde a sua tenra idade não tiver com quem o eduque na piedade, na religião e nos bons costumes, antes que o possuam os hábitos dos vícios, nunca virá conseguir a perfeita observação dos deveres de um verdadeiro cristão e das obrigações da sociedade sem um grande e extraordinário auxílio da Onipotência. (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.1).

Esse timbre de Ilustração, no aspecto em que ele privilegia a educação como fator de regeneração, transparece, significativamente, nos primeiros parágrafos do “Estatuto do Seminário” de Olinda, como vimos acima, e, de igual modo, no “Estatuto do Recolhimento” da Glória.

Persuadidos Nós, que a maior parte dos crimes e desordens que inquietam a sociedade e a Igreja, traz a sua origem na falta de uma boa educação dos filhos, pois é quase impossível que eles, sem a sólida instrução que é necessária para conter as paixões humanas da natureza corrompida, não se inclinem facilmente aos vícios, os quais, crescendo com a idade e passando com o exemplo de pais a filhos, se vão perpetuando nas famílias até o ponto de causar entre os povos uma geral desordem. (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.1).

⁴ “Mais serviços faz uma pena à sociedade um dia do que milhares de espadas em muitos anos” (VILHENA, 1921, p. 290).

Beatriz N. da Silva, num interessante trabalho comparativo dos dois textos, mostra, sobretudo no caso daquele das moças, uma evidente inspiração do prelado pernambucano nas obras de Molière e de Fénelon⁵. Quando Azeredo Coutinho escreveu o “Ensaio sobre as Minas”, referindo-se àqueles “Estatutos”, deixa transparecer não apenas esse caráter “regenerador” da educação, aliado àquele outro que é também de caráter pedagógico”, como instrumentaliza a educação para o poder político, - “para formar homens dignos de servir à Igreja e ao Estado”, - afirma. Obvio que quando se fala aqui de educação, refere-se muito mais àquela de natureza informal, - aspecto fulcral da educação, diga-se de passagem. Na verdade, ao recolher as moças da elite colonial, o bispo pretendia, segundo suas próprias palavras, capacitá-las para serem hábeis agentes não só das tarefas pedagógicas, mas também da educação informal.

Eu estabeleci ali um Seminário de meninas. Eu lhes dei Estatuto próprio para a educação das mães de famílias e para aquelas que um dia hão de ser as primeiras mestras dos homens. (AZEREDO COUTINHO, 1804, p.10-11).

Sim, educação que “regenera” e, aí, está implícita uma “regeneração” tanto social quanto moral. É inegável o caráter mais social dessa empreitada, marcada por essa mística própria das Luzes, mormente quando se recorda a importância que significou para o prelado a criação e instalação dos estudos em Pernambuco, quer no Seminário de Olinda, quer no Recolhimento da Boa Vista.

Essa cidade de Olinda, que caminhava com passos aprestados para a sua total ruína por se ter passado todo o seu antigo comércio e todo o governo civil, econômico e militar para a vila do Recife, principia já a florescer pelo estabelecimento do novo seminário e pela restituição do seu antigo regimento: os aluguéis das casas, por exemplo, já têm subido de um para três. (AZEREDO COUTINHO, 1808, p.58).

Ainda nos remetendo a esse esboço geral da pedagogia ilustrada do bispo Coutinho destacam-se nela os traços de um realismo pragmático característicos da mentalidade do seu tempo. Esses marcos históricos e culturais se consubstanciam na sua aversão ao que, na época, denominavam de “matérias e questões inúteis”. Ao dissertar, por exemplo, sobre as normas que deveriam reger os professores do seminário, na questão do ensino, ele se expressa a favor de um “ensino prático” e isso, como veremos, é concebido em consonância com uma visão nitidamente iluminista:

Por pouco que se adiantem os conhecimentos humanos nos estudos das Ciências, já os discursos e costumes não são os que dantes eram,

⁵ Respectivamente, *Les femmes savantes* e *Traité de l'éducation des filles*.

mas sim outros mais iluminados e mais regulados e que fazem distinguir o homem na sociedade. Para que adquiram essas vantagens que produzem as ciências, devem ser regulados os estudos por um verdadeiro método que não implique os entendimentos com matérias e questões inúteis, mas, sim, adiante os conhecimentos e ensine a procurar a verdade nas suas fontes. (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.45).

Algumas linhas adiante, ao trabalhar as ideias e propósitos daquilo que constitui o seu projeto pedagógico para o Seminário de Olinda, lança mão de uma argumentação muito rica e sugestiva, exatamente na linha desse racionalismo pragmático tão marcante e ao gosto da época. Segundo o prelado, posto que o homem se “forma”⁶ por tudo quanto “ouve” e “vê” (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.46), o professor educador deve ser, além de hábil na arte, um modelo de virtude e de bondade para “formar discípulos hábeis e bons cidadãos. E continua o prelado, dizendo que o discípulo é a imagem do mestre: “E como para se darem regras para a boa educação é necessário principiar pelas ideias mais simples que nos entram pelos olhos e pelos ouvidos para depois passar às mais sublimes e abstratas” (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.46).

Esse traço realista incidirá também sobre uma tendência empiricista do prelado. Como todas as inteligências tributárias do ideário iluminista, o bispo olindense, igualmente, refere-se empiricamente às vantagens do saber matemático e, assim, tanto a aritmética quanto a geometria deverão ser explicadas “por um modo conciso e abreviado”, sobretudo para as ciências dessa natureza que “requerem todas as atenções possíveis e servem de acostumar o entendimento a sentir a evidência dos raciocínios (...) e discorrer metodicamente em qualquer matéria” (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.46).

Ainda em termos empírico-mensuráveis, privilegia a observação direta da natureza, se possível “in loco”. O mestre, com efeito, “sairá a passeio, fora da cidade, com os seus discípulos algumas tardes para os fazer ver no campo a mesma natureza produzindo...” (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.62). No “Estudo das Minas”, o bispo sentenciava que “o pároco instruído nas ciências naturais fará tudo” (AZEREDO COUTINHO, 1804, p.42). É ainda muito típico desse realismo que caracteriza as ideias ilustradas do bispo Coutinho o toque experimentalista que ele outorga ao estudo da filosofia, no seminário de sua diocese. Afirma enfaticamente: “Dividiremos o estudo da filosofia em duas partes: na primeira trataremos da Lógica, Metafísica e Ética e parte da

⁶ Beatriz Nizza da Silva, em seu citado estudo comparativo aprofundou bem esse aspecto do ensino como “formação” do humano, conceito bem presente no Estatuto da Boa Vista.

Física Experimental; e na segunda, História Natural e Química” (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.60-61). Coerente com essa orientação, veremos que essa mesma instrução persiste na escolha dos autores e dos compêndios de filosofia e, mais ainda, na justificativa que dá para adoção desses, onde nitidamente se privilegiam fios condutores marcados pela “clareza”, “precisão”, “síntese” e “utilidade”.

Utilizará um compêndio moderno, escolhendo e explicando com clareza somente as questões úteis, (...) sem difusões nem perplexidades que abraçam o progresso dos estudos. (...) e os princípios necessários para a inteligência das máquinas cujo conhecimento é muito necessário para fazer mover e levantar grandes corpos e conduzir as águas em um país, cujo fundo principal consiste na agricultura e no trabalho de lavrar as terras, cavar e extrair os minerais etc.(AZEREDO COUTINHO, 1798, p.61-62).

Outra qualidade requerida nos compêndios era que fossem “elementares, isto é, concisos e fecundos, sem difusão. Sistemáticos, isso é, bem ordenados nas disposições das matérias de que tratam e de suas divisões. Bem escritos, com estilo puro, isso é, sem barbarismos e sem afetação do ornato” (AZEREDO COUTINHO, 1798, p.61-62). Sérgio B. Holanda já havia constatado que, da lógica desenvolvida por Azeredo nesse “Discurso sobre as Minas”, “seguia a necessidade de expansão dos conhecimentos práticos por meio de um contato imediato com os objetos desse conhecimento e não por meio de especulações vazias” (HOLLANDA, 1966, p. 42). E isso pode ser corroborado pelo pensamento do bispo, na medida em que afirmava logo no início desse “Discurso das Minas”：“[O século] em que nós vivemos será talvez das artes e ciências úteis”. De tal modo que, quando fala da necessidade de formar um clero dedicado às descobertas e riquezas da natureza, o prelado pernambucano revela a sua afinidade com o bispo Cenáculo, especialmente nas posições que esse desenvolvera na Carta Pastoral “Estudos Fysicos do Clero”. Os paradigmas de uma Teologia da Ilustração são comuns aos dois bispos. De acordo com as premissas dessa nova Teologia, não há incompatibilidade entre os desígnios da providência divina e suas manifestações no mundo da natureza. Segundo o bispo Cenáculo, por exemplo, “a natureza é o palco da divindade”. Mantendo-se coerente com tal pressuposição, Azeredo dirá que, de acordo com as ciências naturais, o pároco saberá o que deve a Deus, a si e aos outros homens. Referindo-se aos nossos selvícolas, o bispo não hesita em afirmar: “É necessário aprender na Natureza que não opera as suas obras por saltos” (AZEREDO COUTINHO, 1966, p.36). Assim, o bispo de Olinda, oriundo de uma família de camponeses do norte fluminense, sabe falar e valorizar, tanto quanto um príncipe da Igreja e um ilustrado do

seu tempo, tudo aquilo que se refere à Natureza como paradigma de um novo tipo de saber e de conhecer. Ao formular uma proposta curricular para implantar no novo seminário de sua diocese, ele tem clareza mental de que os futuros padres estejam sintonizados com os paradigmas da ciência do seu tempo. Ele definirá, portanto, o que é um padre sábio e instruído:

um pároco sábio e instruído, ainda mesmo no meio dos desertos e da solidão, ele nunca se verá só, ele se verá sempre cercado da natureza, convidando-o a conversar com ela e com o seu criador. Ali, os seus livros e os seus estudos serão os seus fiéis amigos, os seus companheiros inseparáveis. (AZEREDO COUTINHO, 1804, p.43)

Assim, a Natureza é um livro aberto, no qual o homem encontra diálogo e inspiração para as coisas mais altas do pensamento e da alma. Foi, aliás, na inspiração desse tema da Teologia da Ilustração - a Natureza - que D. José Joaquim externou o seu ponto de vista, impregnado de sentimentos “pátrios” e de “brasilidade”, defendendo os índios nativos do Brasil da acusação preconceituosa expressa por Montesquieu no seu livro famoso *Esprit des Lois*. O filósofo e pensador francês, fundamentado na teoria dos climas, afirmava que a indolência e a preguiça tinham origem nos climas quentes e tropicais. Discordando de semelhante tese, Azeredo sai em defesa dos índios e negros, que, naquele tempo, constituíam uma parcela significativa da população brasileira. E dá o seu testemunho, tomando como referência os seus conterrâneos, os índios goitacases, demonstrando também de modo prático que o real é determinante do saber e não as teses fantasiosas, como base e ponto de partida:

São tão valentes que é mais fácil matá-los do que vencê-los. Eles têm horror a um só instante de vida debaixo da escravidão; nenhuma nação brasiliense, nem europeia, pode até agora cantar a glória de os ter vencido. Eles ainda se conservam livres e independentes. (...) Compare-se, por exemplo, um índio goitacá, nascido e criado debaixo da Zona Tórrida do Brasil, junto às margens do rio Paraíba do Sul, com um índio esquimó, nascido e criado no meio dos gelos do Norte da América, junto das margens do rio de São Lourenço: ver-se-á aquele, guerreiro e invencível cheio de força e de coragem; esse, miserável, fraco e pusilânime. (AZEREDO COUTINHO, 1966, p.109).

Para finalizar, podemos concluir que o bispo Coutinho, frequentador dos bancos de Coimbra, foi um homem que viveu de perto as turbulências do reformismo pedagógico do gabinete pombalino. E isso deve ter-lhe sido muito proveitoso, especialmente quando se sabe que ele, sendo brasileiro, foi estudar em uma das mais afamadas universidades da Europa de então. O jovem bispo, ainda na Europa, conviveu de perto com pessoas altamente influentes tanto nas reformas dos estudos quanto com

expoentes do pensamento ilustrado da metrópole, caso do bispo Cenáculo, de quem se considerava amigo e confidente. A sua nomeação para a alta hierarquia da Igreja, em Pernambuco, na qualidade de prelado e de brasileiro nato, incentivou-o a implantar na colônia aquilo que Portugal nunca o fizera durante séculos de dominação colonial: implantar escolas e desenvolver os estudos e as ciências. Cria uma sólida estrutura de ensino para futuros padres e leigos, trilhando os parâmetros de um pensamento ilustrado que beneficiariam, segundo ele, tanto a Igreja quanto o Estado. O bispo Coutinho parece ter sido um pedagogo nato. A sua contribuição é não apenas ter oferecido, em Pernambuco, as condições para a consolidação de uma Teologia da Ilustração, fundando instituições com parâmetros curriculares. Consiste, também, em ter sido o inspirador de uma pedagogia iluminista que buscava coerência e realismo no que a Natureza oferecia, já que ela é o solo fértil da experiência humana e o palco iluminado da epifania divina. Não haverá então maiores surpresas quando os padres saídos das salas de aula do Seminário de Olinda se envolverem com as causas da liberdade. Serão frutos do solo fértil e das sementeiras da educação ilustrada. Exatamente como dirá D. José A. Coutinho a propósito dos futuros padres que sairiam das salas do Seminário de Olinda:

Da mesma sorte os párocos urbanos ou das cidades e grandes povoações, instruídos na ciência da religião e da indagação da natureza, ilustrando cada um a porção do rebanho que lhe foi confiado, falando a todos em nome de Deus e pelo seu mesmo interesse, animando-os a suportar os trabalhos com constância e ensinando-os a olhar para esse mundo como ele merece que bela harmonia não resultará desse todo iluminado e brilhante? (AZEREDO COUTINHO, 1804, p.43).

Entre os papéis recolhidos pela Devassa de 1817, integrando atualmente a coleção documental do Arquivo Nacional, referentes à revolução pernambucana de 1817, consta o texto manuscrito de um sermão dominical atribuído ao padre Francisco Manoel de Barros, revolucionário de 1817, vigário coadjutor da Freguesia do Aracati, no Ceará (BARROS, s.d., p. 156 e SS).. O texto faz parte do Apêndice Documental desse nosso trabalho. Trata-se do “sermão da Natividade”. É uma bela peça de oratória religiosa, muito bem formulada teologicamente. Sabendo que se trata de um cura perdido nas brenhas do Nordeste colonial, chega a ser surpreendente o bom nível filosófico e teológico assentes no sermão daquela festividade. E, sobretudo, é uma comprovação dos frutos do trabalho do bispo Coutinho, como já nos lembrava o negociante francês do Recife, L. Tollenare. Além do mais, comprova de forma cabal que a Teologia da Ilustração era ensinada e posta em prática na pastoral dos padres que

estiveram engajados na luta e nos sonhos de 1817.

REFERÊNCIAS

AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha de. *Cartas do Bispado de Elvas e de Pernaambuco* (1794-1808) Na Biblioteca Pública do Arquivo Distrital de Evora, Cota CXXVII/1-5, nº 781-791.

AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha de. *De feza de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Elvas, em outro tempo de Pernambuco...* Lisboa: Na Oficina de João Rodrigues Neves, 1808.

AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha de. *Discurso sobre o Estado Actual das Minas no Brasil*. Lisboa: Na Impresam Regia, 1804.

AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha de. *Ensaio Econômico sobre o comercio de Portugal e suas colônias oferecido ao Sereníssimo Príncipe do Brasil Nosso Senhor e publicada de ordem da Academia Real das Sciencias*, Lisboa: Na Oficina mesma da Academia, 1794.

AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha de. *Estatutos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda de Pernambuco*. Lisboa: Na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1798.

AZEREDO COUTINHO, J. J. da Cunha de. *Obras Econômicas*, São Paulo: Editora Nacional, 1966.

BARROS, Padre Francisco Manoel de. “*Nativitas Domini Nostri Jesu Christi secundum carnem*”. Manuscrito original, no Arquivo Nacional, códice 7, v. 13, p 153 e seguintes... Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Evora – B.P.A.D.E. – Cartas de D. José Joaquim de Azeredo Coutinho... Cota CXXVII/1-5, nº 781

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Apresentação. In: AZEREDO COUTINHO, J. J. da Cunha de. *Obras Econômicas*, São Paulo: Editora Nacional, 1966.

POMBAL, Sebastião José de Carvalho e Melo. *Cartas e Outras Obras Sellectas do Marquez de Pomkbal*. 4ª Ed., Typographia de E. J. C. Sanches, 1849, v. 4.

VILHENA, Luís dos Santos. *Recopilações de Notícias Soteropolitanas e Brasíliaicas*. Bahia: Imprensa Oficial, 1921.

RECEBIDO EM 20/07/2011

APROVADO EM 05/05/2012